

ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E PROJETOS DE VIDA: RELATOS DE PRÁTICAS MEDIADAS POR EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

Eduarda Barbosa de Carvalho
Rafaela Rocha da Costa

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência de um projeto de extensão em andamento, cujo objetivo é orientar a construção de projetos de vida profissionais e educacionais de adolescentes e jovens, a partir da mediação com recursos artísticos. Para alcançar tais propósitos, se divide em duas frentes de ações: a primeira, ocorre por meio do acompanhamento de três jovens, realizado remotamente; a segunda, pelo desenvolvimento de encontros presenciais quinzenais com adolescentes de um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). A metodologia consiste em encontros grupais e individuais, mediados por expressões artísticas e jogos, selecionados ou construídos a partir dos interesses e necessidades dos participantes. Os encontros realizados até a submissão desse trabalho envolveram temáticas, como: trajetória de vida, condições objetivas de vida, a construção dos interesses e expectativas para o futuro, os direitos e o papel social da juventude, além de refletir sobre escolhas e o processo de tomada de decisão. O uso das expressões artísticas na mediação tem evidenciado como a arte consegue mobilizar reflexões e emoções, além da valorização dos seus interesses, favorecendo construção de vínculos e a adesão dos participantes às atividades desenvolvidas.

Palavras-Chave: Projeto de Vida, Adolescência, Juventude, Arte.

EIXO TEMÁTICO: Trabalho e mediação tecnológica.

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência, advém de um projeto de extensão ainda em curso, vinculado ao edital do Programa de Apoio à Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais, cujo objetivo é orientar a construção de projetos de vida profissionais e educacionais a partir da mediação com recursos artísticos. Diante disso, para delimitar seu público-alvo, partiu da definição do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), a qual considera jovem o sujeito com idades entre 15 e 29 anos, dividindo em três segmentos que guiam as ações e políticas voltadas para esse público, sendo eles: 15 a 19 anos jovens-adolescentes; 20 a 24 anos jovens-jovens; e 25 a 29 anos jovens-adultos. Dessa forma, se propôs inicialmente a contemplar jovens do primeiro grupo, ou seja, aqueles com idade entre 15 e 19 anos, mas precisou ampliar para 13 a 19 anos, diante da demanda de uma das frentes de ação do projeto.

Em primeiro lugar, cabe destacar alguns aspectos acerca da implementação do projeto no ano de 2022. Neste cenário inicial, era esperado que o mesmo acompanhasse aproximadamente 20 jovens, em formato remoto ou presencial. Para tanto, almejava-se uma articulação com escolas da rede pública de ensino ou com algum dispositivo da política de Assistência Social. No entanto, as escolas vinham passando por uma adaptação ao

ensino presencial e a um momento pós-greve, mesmo a escola com quem havia uma parceria há 2 anos considerou o cenário difícil para realização das atividades do projeto.

É importante pontuar que a tentativa de articulação com a rede pública de ensino se justifica por ser um período em que a temática recebeu destaque em consequência da reformulação da educação básica e do Novo Ensino Médio, uma vez que existe uma orientação para que os itinerários formativos trabalhem o desenvolvimento de algumas competências, uma delas é a competência Trabalho e Projeto de Vida. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o projeto de vida...

... é o que estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos (BRASIL, 2018, pp. 472-473).

Hernández (2003) e Bock (2018) apontam que apesar de ser uma construção subjetiva, os projetos de vida não se encerram e nem se realizam em si mesmos apenas como uma realização pessoal, mas se materializam como projetos coletivos que se voltam para a participação e transformação social, ou seja, se caracterizam também como projeto de sociedade. Além deste aspecto, é possível ainda destacar que o projeto de vida é uma categoria interpretativa psicológica e pedagógica que pode ser compreendida como motor do desenvolvimento humano emancipatório, principalmente da juventude. Nesse sentido, não deve ser entendido como um processo estanque, mas que se modifica diante das transformações históricas e culturais, envolvendo o autoconhecimento, uma articulação entre passado, presente, perspectivas e potencialidades para o futuro (HERNÁNDEZ, 2003).

Em virtude dessa conceituação, a prática da extensão estrutura-se a partir da compreensão de que para trabalhar sobre projetos de vida com a juventude, é fundamental localizar estes enquanto processos construídos pelas vivências, pela modificação das necessidades, interesses e atividades, assim como pela realidade concreta em que os sujeitos se encontram (PESSOA, 2013). Diante disso, autores como Abrantes e Bulhões (2016) demarcam a importância de considerar o projeto de vida como um ato de objetivação da realidade e de orientação para o desenvolvimento de jovens.

Para tanto, as atividades realizadas pela extensão foram planejadas para o desenvolvimento de práticas grupais e individuais, que permitem contemplar e mapear a realidade objetiva dos participantes, além de promover ações que colaborem para reflexões sobre o lugar social dos participantes no meio em que vivem e que propiciem a realização de escolhas conscientes sobre a área educacional, profissional, social e familiar. É, pois,

neste cenário que se reconhece que os processos de escolha em uma sociedade de classes são demarcados por contradições inerentes ao capital.

Com o intuito de acompanhar os jovens durante este processo, mediando a apropriação de conhecimentos e construção de reflexões para que façam suas escolhas e elaborem seu plano de ação, os recursos artísticos recebem destaque como potentes mediadores. Diante deste aspecto, Faria, Dias e Camargo (2019) explicam que Vigotski compreendia a arte enquanto instrumento capaz de mediar a relação do sujeito consigo e com o mundo, constituindo-se enquanto aspecto do social em nós, capaz de transformar as relações que o sujeito estabelece em seu meio, permitindo a ampliação da consciência. Quer isto dizer, a arte possibilita a concretização e superação dos sentimentos mobilizados, permite que os sentimentos não sejam apenas expressos, mas que passem a existir socialmente (FARIA, DIAS; CAMARGO, 2019). Por este motivo, Vigotski (1999), demarca que a arte sistematiza o sentimento, podendo ser entendida como uma “técnica social do sentimento” (p. 25), que torna possível construir novas formas de pensar e agir no mundo.

Em síntese, o projeto e sua execução orientam-se pela Psicologia Histórico-Cultural (PHC), recorrendo à arte enquanto mediadora, desenvolvendo-se a partir de práticas de orientação profissional aplicadas à construção de projetos de vida. Posto isso, tem como estratégias: analisar a trajetória de vida e as condições objetivas de vida dos jovens; refletir sobre as escolhas e o processo de tomada de decisão; debater sobre os direitos e o papel social da juventude; mediar por meio da arte a construção de um plano de ação que contemple dimensões profissionais e educacionais.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

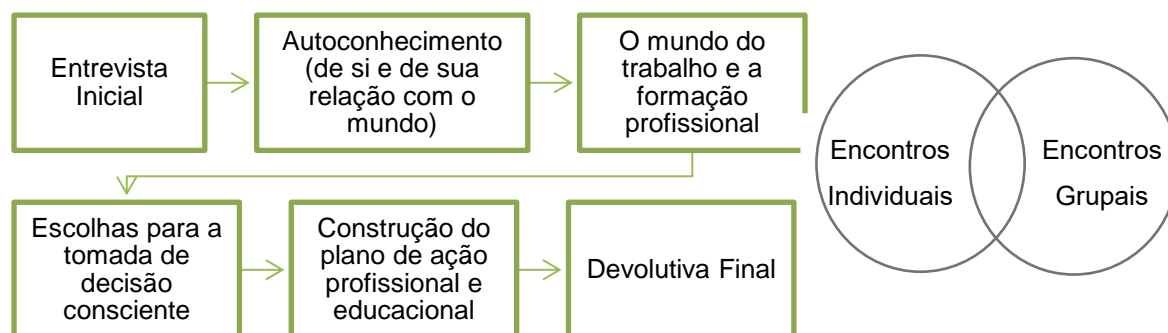
O projeto se divide em duas frentes de ações: a primeira ocorre por meio do acompanhamento de três jovens, remotamente, por meio da plataforma Google Meet; a segunda, pelo desenvolvimento de ações com adolescentes/jovens de um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

No que diz respeito ao formato remoto, os recursos são projetados por meio de slides, compartilhamento de tela ou mesmo enviados para os jovens por meio do WhatsApp. Desse modo, os encontros ocorrem de duas formas: grupal e individual; neste aspecto, a estratégia dos encontros individuais é utilizada, pois, permite que os jovens apresentem sua trajetória de vida e relatos pessoais que poderiam apresentar desconforto se fossem realizados na modalidade do grupo.

Como material orientador das etapas do projeto, que auxilia os jovens a se programarem, foram elaborados calendários mensais com as datas dos encontros, além de

um roteiro sobre as etapas do processo de orientação (Figura 1), em que os participantes têm acesso aos passos do projeto. Até o momento de submissão desse trabalho, o projeto vem desenvolvendo atividades da etapa sobre mundo do trabalho e da formação profissional, assim como sobre as escolhas e tomada de decisão consciente. Os recursos artísticos utilizados até o momento, foram: músicas, charges e filmes.

Figura 1: Etapas do Projeto



Fonte: Composição das autoras.

No âmbito das atividades realizadas no SCFV, foram realizados dois encontros, mediados pelo uso de expressões artísticas e jogos, selecionados ou construídos a partir dos interesses e necessidades das pessoas acompanhadas. Sobre os encontros: no primeiro, os jovens realizaram colagens e produção de um material sobre seus interesses e o que esperam para o futuro; no segundo, foi realizado um jogo sobre o Programa Jovem Aprendiz.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De modo remoto, atualmente são acompanhados três jovens de diferentes localidades do país, uma vez que a divulgação ocorreu para variados estados. Sendo assim, a divulgação alcançou participantes do estado de Minas Gerais e de Pernambuco. Cabe destacar, que de maneira geral, tivemos sete inscrições, das quais apenas quatro conseguimos realizar o primeiro encontro. Uma das inscritas era uma professora, que se inscreveu pensando ser um curso de formação, o que nos despertou certa atenção para o fato de que houve interesse de profissionais da educação em capacitações sobre projetos de vida, o que pode ser uma proposta para possíveis projetos. Um dos jovens que realizou o primeiro encontro, não prosseguiu no projeto, embora tentássemos ajustar horários para atender as suas necessidades e horários. E quanto aos outros inscritos, não tivemos retorno ao realizar contato.

Os encontros individuais desenvolvidos consistiram em um primeiro momento para conhecer os jovens, outros dois para trabalhar a trajetória de vida e atualmente para trabalhar as escolhas para tomada de decisões e o mundo/sentido do trabalho. No que consiste aos encontros grupais, até o momento, foram realizados somente dois, em que o primeiro tinha como objetivo apresentar os jovens e discutir sobre a pluralidade de juventudes e formas de ser jovem. E, um segundo, no qual conversamos sobre os direitos da juventude.

Sendo assim, acerca dos encontros individuais cabe destacar o primeiro encontro cujo objetivo foi conhecer os participantes, a proposta era de uma conversa na qual fosse possível identificar seus interesses, rotinas, motivações e expectativas quanto ao projeto. Para tanto, foi utilizado como recurso o “Quem sou eu” e/ou o “Curtograma”. De maneira geral, foi muito interessante ver como os participantes foram realizando e se envolvendo com a atividade, como era para eles se apresentarem a partir dos recursos, principalmente aqueles que possuíam o hábito de escrever contos e poemas. Um dos aspectos observados diz respeito ao relato que os jovens apresentavam acerca dos seus planos, em que se identificava um impasse do estudo e do trabalho, uma ânsia de conquistar tudo e de estar com a vida resolvida aos vinte e poucos anos.

Após conhecer os jovens, foi elaborado um encontro grupal, pensando em refletir com estes o que é ser jovem e a pluralidade das juventudes. Sendo assim, neste encontro primeiro os participantes se apresentaram, conheceram o grupo e depois foram realizadas as atividades. A proposta foi trabalhar o que é ser jovem e quais eram as formas de vivenciar a juventude, para que fosse possível identificar e compreender os elementos da realidade concreta. A partir da pergunta “O que é ser jovem?” e de breves introduções à temática da juventude, os participantes trouxeram elementos sobre o jovem em variados contextos. Quanto ao recurso artístico, foi utilizado a letra de AMARELO, escrita por Emicida, e somente um dos participantes a conhecia. Por ser uma música de ritmo rápido, percebeu-se que para as jovens que ouviram pela primeira vez foi mais difícil acompanhar a letra da música. No entanto, as reflexões que um dos jovens foi realizando sobre trechos da música reverberou em afetações nas outras participantes, posto que as reflexões de um integrante mobilizam e suscitam apontamentos nos outros. Foram elencados elementos como a vivência da pandemia, os desafios do jovem ser levado a sério, anseios, pressões e limitações que a sociedade impõe à juventude.

Já os outros dois encontros seguintes ocorreram individualmente e trabalhamos a trajetória de vida e a construção de uma linha do tempo dos participantes. Para tanto, no primeiro contato dessa temática, foi solicitado que os jovens pesquisassem fatos que

ocorreram no país e no mundo, no ano em que nasceram. Essa pesquisa sobre fatos e curiosidades que ocorreram no ano que nasceram no Brasil e no mundo, está baseada na atividade da Imaginação Sociológica, que visa compreender a situação social de desenvolvimento a partir da análise dos contextos sociais e históricos, possibilitando uma leitura da realidade. Diante disso, a aplicação desse exercício almeja a percepção dos sujeitos enquanto parte da sociedade, favorecendo a segurança para apresentar suas ideias e opiniões, além de favorecer o desenvolvimento da curiosidade (AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL, 2014).

Sendo assim, foi uma etapa bem tranquila, alguns jovens pesquisaram diversos fatos, se empolgaram com os resultados da busca, o que contribuiu para a criação de vínculo. No entanto, houve quem não se implicou na pesquisa sobre os fatos e para lidar com essa situação, a equipe de extensão realizava essa pesquisa também, tanto para o caso de a atividade não ter sido realizada, ou para ir dialogando. Para um caso, a apresentação dos fatos foi desenvolvendo o diálogo sobre o ano de nascimento e despertando o interesse para os fatos, que eram desconhecidos pela jovem, e depois desenvolver o encontro para a narrativa da trajetória de vida da jovem; para o outro caso, o encontro passou a ter outro rumo, pois foi perceptível que haviam outras questões e que o acolhimento se fez mais urgente.

Após esse momento, o encontro voltou-se para dialogar sobre a trajetória de vida de cada jovem. A partir dos relatos, foi construído um esquema de trajetória de vida que, de acordo com Gonçalves e Lisboa (2007), vai se configurando e revelando as relações dos sujeitos com a sociedade (família, escola, comunidade), relações com as mudanças sociais, econômicas e de status. Permitindo, assim, conhecer as condições objetivas de vida desses jovens e refletir sobre “de onde eu vim?”, processo chamado de ‘etapa *raiz*’ em material publicado por Santos e Ladeia (2015). Após esse momento, solicitou-se que para o encontro seguinte trouxessem uma música ou um filme que gostassem e em que se vissem representados, pois esses recursos seriam utilizados posteriormente para dialogar sobre a linha do tempo que seria construída a partir do encontro.

Diante disso, foi elaborada uma representação gráfica que apresentava uma síntese dos fatos que eles trouxeram no encontro anterior, pensando desde o nascimento até o momento presente e as expectativas para o futuro, nesta linha era possível identificar os momentos que se viam diante de pontos de conflito para realizar escolhas e como utilizaram seu repertório para tomar decisões. Por consequência da realização desta atividade, foi possível identificar um certo desconforto diante da contemplação da linha do tempo, posto que, embora a mesma tenha sido enviada previamente, para que ajustassem

algum fato ou acrescentassem outros, nenhum jovem demonstrou interesse ou necessidade em modificar o esquema construído, considerando-a satisfatória. Entretanto, quando estavam em contato com a mesma, projetada na tela, apresentavam desconforto ao perceberem reduziram sua história a estudo e a trabalho e que, ao narrarem sua trajetória, dificilmente contemplaram áreas como lazer, família e amizades.

A este acontecimento, foi possível fazer uma análise em consonância com o que apontam Abrantes e Bulhões (2016) acerca da atividade-guia do desenvolvimento na juventude - ou seja, aquela que é norteadora principal do desenvolvimento psicológico do indivíduo e que orienta importantes mudanças dos processos psíquicos e particularidades fundamentais da personalidade - a saber, a contradição entre atividade de estudo profissionalizante e atividade produtiva, em que a predominância de uma delas – ou concomitância - ocorre pela posição que o jovem ocupa em relação aos meios de produção.

Sendo assim, foi possível perceber que os jovens do projeto, frequentemente trazem relatos sobre estudo, sobre trabalho, porém, quando se veem “reduzidos” a essas atividades, se deparam com a contradição que vivenciam. Quer isto dizer, a possibilidade de escolha e de pensar no futuro coloca estes jovens em uma posição de refletir sobre a realidade para além das aparências imediatas e, assim, formular uma relação consciente com o real (ABRANTES; BULHÕES, 2016). Diante disso, sentem que são mais que apenas as atividades voltadas para o estudo ou para o trabalho remunerado, portanto, na oportunidade de refletir conscientemente sobre a forma como se definiram inicialmente, tomam consciência dessas contradições.

Além da análise da trajetória, os jovens trouxeram músicas que gostam e que consideram que os representa. Nesse momento as músicas indicadas foram reproduzidas e depois mediou-se um diálogo sobre o motivo do interesse pelas músicas e como se relacionavam com suas trajetórias. Percebeu-se como foi mobilizador esse processo com as músicas: primeiro, por requerer reflexões do motivo dessas músicas representarem esses jovens; segundo, por valorizar seus interesses musicais.

No âmbito da experiência do uso da música, quando os próprios participantes escolheram os recursos, foi interessante observar como criou um elo e envolvimento, o que permitiu que abordassem fatos e elementos de cunho pessoal, que anteriormente não trouxeram ao falar sobre suas trajetórias. Dessa maneira, o envolvimento destes nessa atividade foi bem maior que na anterior, ao justificar a escolha da música, destacaram elementos como a batida e a associação dela ao percurso da vida, a letra e a forma como essa articulava-se com a trajetória. Essa atividade também os motivou a apresentar outras

expressões artísticas, como o filme, ou músicas que outras pessoas de sua convivência consideravam que representavam esses jovens.

O segundo encontro em grupo trabalhou o Estatuto da Juventude, entendendo a importância de os jovens conhecerem os próprios direitos para a construção de projetos de vida e tomada de decisões. Só estiveram presentes dois jovens, mas de maneira geral, apenas um deles participou ativamente. Neste encontro, utilizou-se o filme nacional “Que horas ela volta?”, escrito e dirigido por Anna Muylaert, a partir da cena em que uma jovem – filha da protagonista – passa no vestibular. O recurso foi utilizado para orientar reflexões acerca das possibilidades e políticas públicas que a protagonista poderia acessar para ter seus direitos garantidos e conseguir realizar seus projetos de vida. Após apresentarem possibilidades sobre as políticas públicas que conheciam, foi realizada uma exposição dialogada sobre o Estatuto da Juventude e, ao final, voltou-se ao questionamento de quais direitos poderiam contribuir para os projetos de vida da personagem.

Outro recurso utilizado, foi a música “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira, para promover reflexões sobre a importância da elaboração dessas políticas de acesso ao ensino superior, em um país tão desigual quanto o Brasil. Como último recurso utilizado, foram apresentadas charges sobre trabalho precarizado e juventude, a fim de trazer para o debate a precarização dos serviços e como os jovens estão expostos a essa realidade.

Diante desta atividade, notou-se que uma das pessoas que foi muito participativa no primeiro encontro em grupo estava mais introspectiva no segundo, a isso elencou-se algumas hipóteses para tal situação: os recursos escolhidos não foram mobilizadores ou geraram desconforto, o assunto não era de interesse ou se apenas não estava prestando atenção. Dessa forma, cabe destacar que o uso de recursos artísticos pode provocar desconforto, causar tensionamentos e (re) descobertas de emoções, mobilizar afetos e memórias. Além disso, a equipe de extensão avalia que, por se tratar de encontros remotos, é difícil acompanhar o envolvimento nas atividades, principalmente quando câmera e áudio estão fechados, caracterizando assim uma das principais limitações das atividades online.

Em síntese, foi observado que aqueles jovens que tiveram contato prévio com o recurso utilizado, ou se interessavam por estilos musicais e filmes semelhantes aos que foram selecionados, se engajaram mais nas atividades. Em contrapartida, os participantes que possuíam gostos divergentes dos recursos selecionados, sentiam mais dificuldade em participar das atividades coletivas, por dois aspectos: o primeiro é pelo distanciamento com o recurso; e o segundo em decorrência das dificuldades do remoto, já que eram projetados e a internet dificultava a transmissão com fluidez, travando algumas vezes, tornando complicado acompanhar. Outro ponto que a experiência do projeto vem demonstrando, diz

respeito ao uso da arte nos encontros individuais, nos quais os jovens indicam músicas, filmes e séries que gostam, o que corroborou para o envolvimento maior destes nas atividades e vem demonstrando mais afetações e mobilizações.

Além dessas atividades, o projeto foi procurado para uma parceria com um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), que se desenvolve no âmbito da Proteção Social Básica da Política Nacional de Assistência Social. Em um encontro com a coordenação do serviço, foram apresentadas as demandas dos adolescentes e jovens acompanhados e discutidos os objetivos do projeto de extensão, de modo a procurar alinhar propostas. Uma das primeiras questões discutidas refere-se ao fato de que a maioria dos adolescentes tinham 13 e 14 anos, o requisitou a ampliação da faixa etária e adaptação dos temas e metodologia. Assim, foi acordado que o projeto desenvolveria atividades considerando possibilidades para trabalhar aspectos dos projetos de vida, considerando a escolaridade, os interesses, necessidades, mas também as particularidades dos períodos de desenvolvimento.

A primeira atividade foi desenvolvida com 12 adolescentes, com idade variando entre 13 e 17 anos. O encontro foi presencial, na própria unidade do SCFV. Diante da estrutura insuficiente, o encontro foi realizado na varanda do espaço e teve como objetivo identificar os interesses e expectativas de futuro do público. Além de uma roda de apresentação e explicação sobre os objetivos do projeto, o encontro desenvolveu-se a partir de uma atividade de colagem para construção de uma mandala. Foram utilizados discos de papelão, tesoura, cola e várias imagens relacionadas ao universo jovem: estudo, trabalho, música, dança, formação profissional, esportes, relacionamentos amorosos etc.. Além disso, foram utilizadas folhas de papel, lápis e borracha para quem desejasse desenhar algo que não foi contemplado nas imagens levadas ou mesmo para escrever algo. Três jovens chegaram a usar as folhas para desenhar e escrever.

O objetivo era representar seus interesses e expectativas de futuro. Todos realizaram as atividades, se envolveram com a seleção das imagens e colagens para a produção da mandala. Depois foi realizada uma roda de apresentação do material produzido e percebeu-se que priorizaram mais os elementos de interesse e poucos representaram ou falaram sobre expectativas para o futuro, então foi solicitado que falassem sobre isso, mesmo que não estivesse na colagem. Um dos pontos comuns de interesse foi sobre os programas de aprendizagem profissional, que foi selecionado como o tema do segundo encontro, que se desenvolveu a partir de um jogo criado especificamente para trabalhar com o grupo.

Foi construído um jogo de tabuleiro, cujas casas foram coladas no chão e cada uma indicava se deveria ser respondida uma pergunta, desafios, passar a vez, avançar ou voltar. Foi necessário o uso de um dado de seis lados para orientar a quantidade de casas para caminhar no tabuleiro. Para as perguntas e desafios, caso acertassem, avançariam a quantidade de casas recomendadas; se errassem, voltariam a quantidade indicada. Foram utilizadas perguntas de verdadeiro ou falso e alguns desafios, nos quais estavam situações do cotidiano com algum problema a ser resolvido.

Em um primeiro momento os jovens se dividiram em duas equipes e elegeram uma pessoa para representar cada equipe no tabuleiro, com o desenrolar da atividade eles foram se integrando à proposta, debatiam as questões em grupo, questionavam quando não entendiam algum ponto da pergunta ou especificidade da diretriz do programa de aprendizagem. Para tanto, a atividade foi uma maneira lúdica de trabalhar aspectos sobre a temática e envolveu os participantes ativamente no processo de construção daquele conhecimento sobre o programa.

A equipe de extensão vem avaliando como motivadora a atividade desenvolvida em contexto presencial, tanto pelos diálogos e relações construídas, como por conseguir acompanhar os momentos de participação e envolvimento. Além disso, o grupo de adolescentes e jovens manifestou interesse na continuidade das ações do projeto no serviço e que gostaram do jogo realizado.

Por outro lado, os jovens em acompanhamento remoto passaram por modificações em suas rotinas, o que impossibilitou um horário comum para desenvolvimento de atividades em grupo. Por isso, uma nova adaptação do projeto foi a de que os acompanhamentos remotos serão individuais, diante dessa readaptação, um aspecto privilegiado diz respeito à possibilidade de acompanhar as dimensões mais singularidades dos participantes.

De maneira geral, a experiência da extensão vem proporcionando diferentes possibilidades para trabalhar a construção de projetos de vida, a partir da mediação com recursos artísticos e jogos, em contextos variados e também em formatos diferentes. Sendo assim, há uma dimensão de acompanhamento individual remoto, que proporciona esse contato com diversos aspectos e necessidades singulares de cada participante, ou seja, um contato mais íntimo com suas aspirações, sua trajetória de vida, seus planos e pontos que são motivadores e norteadores do seu agir no mundo em processos de tomada de decisão.

Já a experiência das atividades grupais no SCFV, que se constitui como grupo maior e ocorre presencialmente, vem permitindo identificar os tensionamentos entre as

opiniões e vivências diferentes. Logo, verifica-se como a participação de um jovem mobiliza afetações nos outros e neste movimento é possível ver uma construção autoral dos integrantes diante dos recursos utilizados e perceber como ouvir os outros torna possível a (re)elaboração de questões até então cristalizadas, o que afeta tanto os jovens quanto a equipe da extensão, sendo motivadores para a construção e elaboração de novas atividades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, na execução do presente projeto, verifica-se a importância da arte enquanto recurso mediador, já que auxilia constantemente na reflexão e na elaboração de novos sentidos e sentimentos. Além disso, possibilita aos jovens, recontar e trazer elementos de sua vivência pessoal, utilizando de letras de músicas e de filmes para abordar assuntos que no momento não conseguiriam sem o apoio deste recurso. Bem como, verifica-se também como o uso deste recurso permite acessar emoções variadas, não apenas aquelas tidas como felizes e contemplativas, pois, pode causar desconforto, rupturas com antigas formas de pensar, dentre outros.

Outro aspecto que a execução do mesmo permite constatar, é acerca da contradição de práticas que ocorrem remotamente, pois, ao passo que permitiriam acessar um público maior ou de diversas regiões do país, dificulta a constatação dos impactos das atividades. Visto que, parte do que ocorre nos encontros fica escondido por trás das telas, são frequentes as atividades em que nenhum dos jovens ligam as câmeras e que apenas alguns ligam o microfone, apresentando uma dificuldade para a equipe de extensão acompanhar o envolvimento e interesse nas atividades, configurando um obstáculo que advém dos meios eletrônicos, que certamente não estaria presente no contexto presencial, embora este seja limitado quanto à abrangência territorial que as ações do projeto podem alcançar.

Cabe destacar que, embora o projeto ocorra de maneira remota e exista essa facilidade para jovens de diferentes localidades participarem, o número de inscrições foi pequeno, que pode ser em circunstância de uma exaustão com o formato remoto advinda dos anos da pandemia da COVID-19, do período eleitoral – que limitou a possibilidade de divulgação das práticas de extensão - e da readaptação ao retorno das atividades presenciais.

5. REFERÊNCIAS

ABRANTES, Ângelo Antônio; BULHÕES, Larissa. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In: MARTINS, Márcia Lígia; ABRANTES, Angelo Antonio; FACCI, Marilda Gonçalves Dias (orgs). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 241-265.

AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL. **Projeto de vida: caminhos para o desenvolvimento integral**. São Paulo: Ação Comunitária do Brasil - São Paulo, 2014.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília: Congresso Nacional, 2013.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; DIAS, Maria Sara de Lima; CAMARGO, Denise de. Arte e catarse para Vigotski em Psicologia da Arte. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 3, p. 152-165, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000300012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 07 dez. 2022.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 83-92, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300009>. Acesso em 08 mar. 2022.

HERNÁNDEZ, Ovidio D'Angelo. Proyecto de vida y desarrollo integral humano. **CIPS**, 2003. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cips/20150429033758/07D050.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2022.

PESSOA, Manuela Castelo Branco. **História de vida de jovens e vivências de formação profissional**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANTOS, Milton Alves; LADEIA, Rita. **Fortalecendo: Projetos de Vida**. São Paulo: Ação Comunitária do Brasil, 2015.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia da arte**. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1999.